

## **Trajetórias de mulheres negras no ensino superior público grajauense (2016-2022)**

Karoline Vieira de Araújo<sup>1</sup>

### **Resumo**

A presente pesquisa tem como **objetivo apresentar o processo de construção da identidade de três estudantes grajauenses egressas das políticas de cotas raciais, buscando entender de que forma a construção identitária dessas mulheres negras têm interferência da universidade.** Nisto, percebe-se a partir deste, que as mulheres negras podem ressignificar e expressar novas formas de identidades a partir de ambientes favoráveis a negociações. Nesse sentido, este trabalho demonstra que a universidade se constitui como um mecanismo fundamental que possibilita novas experiências que podem interferir na construção dessas identidades.

**Palavras-chave:** Ações afirmativas; Trajetórias Negras; Universidade.

### **Trajectories of black women in public higher education in Grajaú (2016-2022)**

### **Abstract**

The present research aims to present the objective construction process of 3 students from Grajaú who graduated from the quota policies, seeking to understand how the identity construction of these black women has an impact on the university. In this, it is perceived from ways of resignifying and black, new ones can be from women who are in different ways. In this sense, this work demonstrates that the university constitutes a fundamental mechanism for new experiences that can interfere in the construction of these identities.

**Keywords:** Affirmative Actions; Black Trajectories; University.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia (UFMA-Grajaú).

Quem é que não se lembra  
Daquele grito que parecia trovão?! –  
É que ontem  
Soltei meu grito de revolta.  
Meu grito de revolta ecoou pelos  
vales mais  
longínquos da Terra,  
Atravessou os mares e os oceanos,  
Transpôs os himalaia de todo o mundo,  
Não respeitou fronteiras E fez vibrar meu peito... Meu grito de revolta fez vibrar os  
peitos de todos os homens,  
Confraternizou todos os homens  
E transformou a vida...  
... Ah! O meu grito de revolta que  
percorreu o  
mundo,  
Que não transpôs o Mundo, O Mundo que sou eu! Ah! O meu grito de revolta que  
feneceu lá longe, muito longe, na minha garganta!

Amílcar Cabral, “Emergência da poesia” em Amílcar Cabral: 30 poemas

## 1. Introdução

**Este artigo tem como objetivo apresentar o processo de construção de identidade de três estudantes grajauenses egressas das políticas de cotas raciais, buscando entender de que forma a construção identitária dessas mulheres negras tem interferência da universidade.** Neste estudo, entendemos como ocorre a ruptura das identidades construídas negativamente e, por conseguinte, de que forma o ambiente universitário corrobora no processo de constituição de uma identidade negra positiva?

A reserva de vagas no ensino superior, como uma política de ação afirmativa, permitiu uma mudança significativa no perfil dos ingressantes nas universidades públicas brasileiras. Não podemos desconsiderar os dados do Censo da Educação Superior, que em 2020 registrou 527.006 estudantes ingressantes por algum meio de reserva de vagas<sup>2</sup>. Dentre os que fazem a autodeclaração, 46% corresponde aos estudantes pretos/pardos; 52%, são brancos e 3% são amarelos/indígenas. Ainda que os brancos se apresentem em maior número e suscitem algumas questões em torno da identificação racial, não podemos desconsiderar que a presença de estudantes pretos/pardos nas Universidades já alcança patamares diferenciados em relação a períodos anteriores.

A maior parte dos estudos que analisam as políticas afirmativas implementadas indicam resultados positivos ao longo da última década quanto ao número de estudantes que acessaram o ensino superior, particularmente aqueles vindos de grupos até então sub-representados na universidade (REIS, 2020, p. 30). Aqui, apresentaremos os dados relativos à proposta em trabalhar com a história dessas mulheres com o objetivo de implicar um olhar sujeito coletivo, e vamos tecer considerações com base em entrevistas realizadas com três estudantes grajauenses, egressas da política de cotas raciais.

O interesse pelo tema surgiu por meio das obras das pensadoras negras como Suelaine Carneiro, especialista nos estudos acerca das mulheres negras na educação, Denise Carreira que retrata em sua obra o tema gênero e educação e Bell Hooks, Beel Hooks é um pseudônimo pois seu nome verdadeiro é Gloria Jean Watkins, ela defende a educação como prática da liberdade em seu livro *Ensinando a transgredir*. Outra pensadora que me inspirou muito foi Dyane Brito Reis Santos, que em artigo recente abordou um aspecto que tentei enfatizar nesse artigo, “Trajetórias negras importam”.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados> . Acesso em: 29/08/2022.

Nesse ensaio, a autora aborda histórias de vida de nordestinas/os egressas/os de políticas de cotas raciais no ensino superior público brasileiro. Outra pensadora que destaco aqui é Djamila Tais Ribeiro dos Santos, filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. É pesquisadora e mestre em filosofia política pela Universidade Federal de São Paulo. Djamila escreveu um dos livros mais instigantes que já li: *Quem tem medo do feminismo negro?* No capítulo 15 ela faz a seguinte afirmação “Ser contra cotas raciais é concordar com a perpetuação do racismo” (RIBEIRO, 2018, p. 72).

Lendo a obra dessas autoras, faço a seguinte pergunta: porque não me interessar por essa temática, se também faço parte dessa história, se minhas raízes começam aqui? Ao me propor a realizar esta pesquisa, sustentava-me a curiosidade de compreender o universo da mulher negra enquanto acadêmica. Essa curiosidade foi alimentada em situações observadas durante a participação nos eventos que aconteciam na própria universidade. Nesses eventos, eram discutidos assuntos como infância de mulheres negras na escola e em casa, tratamento diferente dos docentes na sala de aula, relações de gênero e preconceito.

Minha proposta em trabalhar com a trajetória dessas mulheres tem o objetivo de implicar um olhar sujeito coletivo, o grupo de mulheres, como constituem sua luta pela educação, suas culturas, como pessoas que participam do mundo e não com suas histórias distorcidas pela literatura oficial. Como salientou Lúcia Pereira, as trajetórias individuais tem despertado interesse dos pesquisadores no campo das ciências humanas e da literatura, tanto no cenário nacional como internacional (PEREIRA, 2000, p. 117).

Sob o aspecto metodológico, convém destacar que lançamos mão das histórias de vida para analisar as trajetórias de três mulheres negras no contexto educacional grajauense. Em linhas gerais, a história de vida é o relato de um narrador(a) sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador(a). Ou seja, este é um trabalho coletivo que envolve um narrador-sujeito e uma intérprete. Para tanto, foram realizadas três operações: o recorte do texto, a montagem e a tradução, isto é, a passagem da linguagem oral para a escrita (PEREIRA, 2000, p. 118). Por fim, cabe observar que a história de vida permite explorar aspectos da intimidade, processos de tomada de decisões, vida cotidiana, etc. (PEREIRA, 2000, p. 119-120).

Para a realização da presente pesquisa, pude contar com o apoio de outras universitárias negras e levantamentos bibliográficos como as obras de Suelaine Carneiro, socióloga, feminista, mestre em educação e coordenadora do programa de educação de Geledés Instituto da Mulher Negra. Na obra “*Mulheres negras na*

*educação: desafios para a sociedade brasileira*”, a autora aborda as seguintes temáticas: desigualdade e hierarquia entre as mulheres; combate à violência no ensino da história nas escolas do Brasil; representação estereotipada e invisibilidade das mulheres negras na literatura oficial; a branquura como padrão. Outra teórica que tem papel de suma importância é Dyane Brito, professora associada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, atualmente é diretora do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB (2020) e vice-líder do observatório de política social e serviço social (OPSS-UFRB) e membro do Programa *A cor da Bahia* (UFBA). Na obra “*Para além das cotas*”, ela escreve sobre políticas públicas de combate ao racismo e à discriminação.

Bell Hooks também foi uma intelectual negra que contribuiu para a realização deste trabalho, particularmente em sua obra “*Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*”. Nesta obra, Bell Hooks aborda sobre uma pedagogia que ela apoia e aplica como ativista e profissional da educação, uma pedagogia engajada que propõe um modo de ensinar que qualquer um possa aprender. Ela também faz uma abordagem sobre uma educação transformadora, em que os alunos possam aprender a transgredir barreiras raciais, sexuais e outras tantas maneiras para conseguir atingir a liberdade, quebrando essa possível crise na educação.

Contei ainda com apoio de revistas, publicações especializadas, artigos e dados oficiais publicados na internet. Devido à pandemia da Covid-19, utilizamos o Google Meet para aplicar questionários e enquanto as entrevistadas respondiam fazíamos uso do gravador para, em seguida, transcrevermos suas respostas.

## **2. Impacto das políticas de ação afirmativa**

No artigo de Dyane Brito Reis, intitulado *Trajetórias negras importam. Histórias de nordestina (os) egressas de políticas de cotas raciais no ensino superior público brasileiro (2013-2018)*, a autora apresenta histórias de vida de mulheres e homens negros no meio educacional e de que maneira as ações afirmativas impactaram positivamente tais trajetórias:

Em nosso país, a implementação de políticas afirmativas ocorre após a redemocratização quando os grupos sociais passam a demandar aberta e mais fortemente, os seus direitos. No que tange ao recorte racial dessas políticas, os estudos empreendidos pelos grandes centros de pesquisa do Brasil, amparados sobretudo em dados oficiais sobre cor e mobilidade social, serão fundamentais para fortalecer os discursos e permitir que os debates em torno das desigualdades raciais ganhassem cada vez mais visibilidade, tanto na esfera pública quanto na governamental. [...] A maior parte dos estudos que analisam as políticas afirmativas implementadas indicam resultados positivos das políticas adotadas ao longo da última década e que visavam o aumento do número de estudantes na educação superior, particularmente aqueles vindos de grupos até então sub-representados (REIS, 2020, p. 30).

A expressão “ação afirmativa” foi criada pelo presidente dos Estados Unidos J. F. Kennedy, em 1963, significando “um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate da discriminação de raça, gênero etc., bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado” (GOMES, 2001). No entanto, é mister contextualizar o seu surgimento. As ações afirmativas não foram dadas pela elite branca dos Estados Unidos. Pelo contrário, elas foram conquistadas pelo movimento negro daquele país, após décadas de lutas pelos direitos civis.

Segundo Joaquim Barbosa Gomes (GOMES, 2001, p. 6-7), os objetivos das ações afirmativas são: induzir transformações de ordem cultural, pedagógica e psicológica, visando a tirar do imaginário coletivo a ideia de supremacia racial *versus* subordinação racial e/ou de gênero; coibir a discriminação do presente; eliminar os efeitos persistentes (psicológicos, culturais e comportamentais) da discriminação do passado, que tendem a se perpetuar e que se revelam na discriminação estrutural; implantar a diversidade e ampliar a representatividade dos grupos minoritários nos diversos setores; criar as chamadas personalidades emblemáticas, para servirem de exemplo às gerações mais jovens e mostrar a elas que podem investir em educação, porque teriam espaço.

Entre as políticas de ações afirmativas que vêm sendo experimentadas no Brasil, a mais polêmica é o programa de cotas raciais para negros. Na verdade, as cotas constituem mecanismos extremos de ação afirmativa: é a reserva de um percentual determinado de vagas para um grupo específico da população (negros, mulheres, *gays*, entre outros), principalmente no acesso à universidade, ao mercado de trabalho e à

representação política. O Brasil já dispõe de diversas leis fundadas no princípio das ações afirmativas. Tais leis reconhecem o direito à diferença de tratamento legal para grupos que sofreram (e sofrem) discriminação negativa, sendo desfavorecidos na sociedade brasileira. As leis listadas abaixo são apenas alguns exemplos:

- O art. 67 das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1988 estabelece que: “A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de cinco anos a partir da promulgação da Constituição”.
- A lei nº 8.112/90 prescreve, no art. 5º, § 2º, cotas de até 20% para os portadores de deficiências no serviço público civil da União.
- A lei nº 8.213/91 fixou, em seu art. 93, cotas para os portadores de deficiência no setor privado.
- A lei nº 8.666/93 preceitua, no art. 24, inc. XX, a inexigibilidade de licitação para contratação de associações filantrópicas de portadores de deficiência.
- A lei nº 9.504/97 preconiza, em seu art. 10, §2º, cotas para mulheres nas candidaturas partidárias.
- **Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho (OIT)** - A Convenção nº. 169 da OIT é um dos principais instrumentos internacionais para a garantia e defesa dos direitos das comunidades quilombolas. Pois ela garante que: “às comunidades indígenas e povos tribais será assegurada a permanência em seu território”
- **Constituição Federal de 1988** – Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT): "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos".
- **Lei nº 12.288, de 20/07/2010** - Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.
- **Lei nº 10.639, de 09/01/2003** - altera a Lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, nos Art. 26-A e 79 B. para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Africana".
- **Lei nº11.645, de 10/03/2008** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática —História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (BRASIL. 2008).

Portanto, cumpre ressaltar que, ao contrário do que muitas pessoas pensam, já existe no Brasil uma legislação baseada no princípio das ações afirmativas, beneficiando índios, mulheres e portadores de necessidades especiais. Mas, curiosamente, quando

foram implementados os primeiros programas de ações afirmativas em benefício da população negra – como foi o caso do programa de cotas raciais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – houve resistência por parte de vários segmentos: por que será? (DOMINGUES 2005, p. 166-167)

De acordo com o *Dossiê das mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, que aborda a persistência das desigualdades educacionais no ensino superior, ainda hoje observa-se muitas mulheres que se sentem incapazes de ingressar em uma universidade por conta dessas desigualdades que elas enfrentam, tanto no ingressar, quanto no permanecer.

Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, em reportagem publicada em 06 de agosto de 2021<sup>3</sup>, as mulheres negras são hoje o maior grupo nas universidades públicas do país graças aos avanços das ações afirmativas. Ao longo das últimas décadas, convém sublinhar que o movimento social negro organizado obteve conquistas relevantes para a educação como a obrigatoriedade do ensino de História da África e da cultura afro-brasileira, por meio da lei n. 10.639/2003, do estatuto da igualdade racial (lei n. 12288/2010) e da lei de cotas (n. 12.711/2012).

Suelaine Carneiro afirma que a criação da lei de cotas raciais teve impacto muito grande no que diz respeito a identidade das pessoas, fazendo-as olharem para dentro de si e se assumirem como são. No artigo, intitulado *A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior*, Renata Gonçalves irá relatar o peso que a escravatura deixa na vida das mulheres negras tornando-as invisíveis no âmbito educacional. A autora aborda em sua tese temáticas de extrema relevância, tais como: mulheres negras, racismo, educação e ensino superior. Já no artigo *Trajatória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras*, Márcia Lima aborda a luta e o reconhecimento que as mulheres negras obtiveram a partir da década de 1950.

Este artigo pode ser concebido como um modo de “tornar-se um sujeito” porque nesses escritos eu procuro trazer à tona a realidade do racismo diário contado por mulheres negras baseado em suas subjetividades e percepções (KILOMBA, 2012, p. 12). Ao adentrar na vida dessas mulheres tornou-se indiscutível a necessidade de conhecer os percursos históricos e acadêmicos construídos por elas no decorrer de suas trajetórias. Acredito que seja um sonho para quase todas as pessoas ingressar em uma

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/08/mulheres-negras-sao-hoje-maior-grupo-nas-universidades-publicas-do-pais.shtml> Acesso em: 29/01/2022.

universidade pública, mas para algumas esse sonho ainda é bem distante. Enquanto realizava a pesquisa, foi perceptível em uma das falas de uma das entrevistadas:

*A universidade era um sonho para mim, mas ao pensar em todas as impossibilidades, era desanimador, porém ao conhecer a política de cotas vi uma esperança para a realização do meu sonho, não apenas o meu sonho, mas principalmente o da minha mãe, que é empregada doméstica e não queria que eu seguisse o mesmo ramo que ela (MAYA ANGELOU, 2021).*

Após apresentar as universitárias participantes desta pesquisa, faremos discussões em torno das seguintes temáticas: a) Vida antes da universidade/relação família-escola e trajetória escolar; b) Vida na universidade/percepções sobre identidade e pertencimento; c) Os desafios da vida pós-universidade. De três participantes, apenas uma forneceu autorização para expor seu nome, mas optei por não as expor, então usarei codinomes de intelectuais negras para referenciá-las. Agora vamos conhecer o perfil das mulheres negras que contribuíram para esse projeto:

Carolina Maria de Jesus, 28 anos, formada em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Filha de pais negros, é uma jovem que se autodeclara negra e tem sido uma inspiração para muitas mulheres a aceitarem sua identidade. O professor Kabengele Munanga em seu artigo, intitulado *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*, afirma que “a questão é saber se todos têm consciência do conteúdo político dessas expressões e evitam cair no biologismo, pensando que os negros produzem cultura e identidade negras como as laranjeiras produzem laranjas e as mangueiras as mangas”. Seguindo as reflexões de Munanga, a “identidade étnico-racial negral” pode ser entendida como “uma identidade unificadora em busca de propostas transformadoras da realidade do negro no Brasil” (MUNANGA, 2004, p. 29).

Tomando como ponto de partida as reflexões de Munanga, o conceito de identidade é um vir a ser, ou seja, é uma construção que está em constante reformulação. É entendida também como uma construção social, cultural e histórica que remete à construção do olhar do indivíduo. Identidade também é reconhecimento das suas características em outros indivíduos, é acolhimento em um ambiente no qual as pessoas carregam questões semelhantes, é se sentir pertencente a uma cultura, um povo, é ter conhecimento sobre a história dos seus antepassados para lutar pela preservação de uma identidade cultural negra que infelizmente ainda é marginalizada e vista como

menos importante. Embora a comunidade negra venha conquistando mais espaços no âmbito da vida social, ainda há um preconceito enraizado em relação ao povo negro.

Desta forma, indivíduos negros em seu processo de formação experimentam na sua própria pele um verdadeiro campo de batalha, ou seja, este sujeito se encontra e se relaciona com o meio através de seu corpo. Sua identidade se baseia na relação do modo como ele vive e percebe seu corpo. O negro ao tomar consciência do racismo começa a tentar controlar seu próprio corpo, vai tentando ficar parecido com o branco, pois segundo seu psiquismo o padrão correto é a brancura.

Por outro lado, Carolina Maria de Jesus vai destacar em seu relato que devemos lutar diariamente para permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos próprios corpos celebrando-os e libertando nossa mente e coração dessa cultura que aliena e massacra, tendo em vista que são justamente os corpos negros que são humilhados e desmerecidos em uma cultura de artificialismo e dominação. Carolina Maria de Jesus é grajauense, formada em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e atualmente trabalha em uma loja. Sua trajetória de vida é marcada por experiências que lhe fizeram crescer tanto no aspecto pessoal como profissional. Recentemente venceu a transição capilar o que foi fundamental para aceitar sua identidade e enquanto isso, ajudou muitas mulheres a se aceitarem também.

Noémia de Sousa, 28 anos, graduada em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Filha de pais negros, é casada, mãe e grajauense, se autodeclara negra e é graduada em Ciências Humanas pela UFMA. Atualmente trabalha em seu próprio supermercado e viu nos estudos a oportunidade de crescer na vida. Em dado momento da entrevista ela diz o seguinte:

*Minha maneira de enxergar o racismo mudou muito após a minha graduação. Sendo possível observar situações de racismo até mesmo na fala do discriminador. Muitas pessoas fazem certos comentários racistas na maior naturalidade e não percebem que estão sendo racistas por conta da cultura racista que já está enraizada em nossa sociedade. Hoje é possível notar que o racismo permanece nas instituições de ensino, através das limitações impostas a alunos negros. Exemplos; fala, cabelo... Sem contar nas cobranças exigidas pelo professor! Os cursos onde mais de se tem acadêmicos negros são cursos considerados medianos, como as licenciaturas. Isso evidencia a discriminação do aluno negro em adentrar em cursos como de*

*medicina por exemplo. Por mais que se falem tanto em inclusão, as pessoas olham diferente quando veem um negro ocupando uma cadeira ou cargo de alto nível (NOÉMIA DE SOUSA, 2021).*

Maya Angelou, a mais jovem das entrevistadas, tem 24 anos, graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Filha de pais negros a única filha mulher entre 3 homens, é natural de Roraima, veio para Grajaú aos 10 anos de idade. Ingressou na UFMA em 2016 e está prestes a se formar. Maya recentemente mudou-se para a cidade de Natal-RN e atualmente é cabeleireira. Também venceu e transição capilar e hoje dá dicas de penteados para ajudar outras mulheres. Maya Angelou se apresenta nesta pesquisa da seguinte forma:

*Eu me chamo Maya, tenho 24 anos, venho de uma família humilde, a princípio tive uma educação tranquila no ambiente escolar sempre me dediquei aos estudos procurando aprender mais (aliás era curiosa para determinados assuntos) era uma pessoa tímida, mais com tempo me tornava uma pessoa que conversava muito na sala. Finalizando os estudos, logo passei na faculdade com nota do Enem, entrando assim no ambiente acadêmico por meio do programa de cotas que ajudou na minha entrada da universidade. O ambiente na universidade é totalmente diferente daquele que eu estudava, questões sociais eram tratadas para melhor obtenção de conhecimento. Em exemplo questão de ideologias, racismo ou preconceitos no ambiente escolar eram tratadas somente em datas relativas a tais acontecimentos, já na faculdade obtive conhecimentos mais eficazes para minha pessoa porque até então não sabia como me identificar na sociedade, isso e muito mais foi uma aprendizagem que eu levarei para a vida, visto que a universidade possibilitou experiências exclusivas. Espero ainda compartilhar com outras pessoas negras meus conhecimentos e aprendizagem obtidos no ambiente acadêmico (MAYA ANGELOU, 2021).*

### **3. Vida antes da universidade: lutas e sonhos**

Todas as histórias aqui relatadas têm algo em comum, principalmente no que diz respeito à educação e o sonho de cursar uma faculdade. Para cada uma dessas mulheres aqui apresentadas, mesmo que cada trajetória tenha suas particularidades, vemos que o ingressar numa universidade além de trazer conhecimento, trouxe também a ideia de se rebelar face a um mundo que observa a mulher como alguém incapaz e ainda mais, além do conhecimento a universidade trouxe um conceito de empoderamento que estas ainda não conheciam:

*Sempre tive o sonho de ter um curso superior, um sonho que era distante pra mim, diante da minha realidade. Ter me formado foi realizador, porque eu não acreditava que eu também poderia conseguir um diploma, os meus não tinham, eu acreditava que pra mim também essa seria a sentença, mas eu vi que se eu buscasse romper essa ideia, eu conseguiria e, aconteceu. Mulher negra formada! Falando da minha experiência cotidiana como mulher, negra e pobre. É uma luta diária, porque tais opressões não podem ser separadas. Eu tenho que lidar diariamente com o ser mulher, e ser mulher da pele negra, e uma negra que é pobre. A luta é constante e diária. Certamente as ações afirmativas foram importantes. Importante pelo fato de ter diminuído a distância que havia do espaço universitário, o qual um dia eu pensei ser apenas um sonho distante. Hoje, ter me utilizado desta política, me deixa orgulhosa, dos que vieram antes de mim e esperançosa com o futuro. Abrindo um parêntese...o que posso dizer é que muita coisa muda depois que passamos a ter consciência racial. Sabemos exatamente quando estamos sendo discriminadas. Antes dessa tomada de consciência, certamente somos atingidas pela discriminação, mas por não ter um entendimento, não enxergamos como tal. Mesmo com toda essa evolução que houve no mundo ainda hoje nos deparamos com os propositalmente opressores. Numa tentativa de normalizar o racismo. Isso significa dizer que, nós negras e negros não ocupamos determinados espaços, porque simplesmente não queremos ou não nos dedicamos o suficiente para conseguir, logo, as oportunidades estão disponíveis para todos, de modo igualitário. Mas a realidade não se apresenta dessa forma. Claro que já avançamos, mas não o suficiente para dizer que vivemos num país que não há racismo ou barreiras que nos impedem de ocupar determinados espaços. Minha família sempre foi da lavoura, então eu passei parte da minha vida morando no sertão. A plantação era parte da nossa subsistência, plantávamos feijão, milho, arroz, melancia e macaxeira. Eu sempre pensava que se eu não me dedicasse na escola eu iria parar na lavoura também, então comecei a me dedicar mais na escola, para mais na frente poder morar na cidade e cursar uma faculdade. (CAROLINA MARIA DE JESUS, 2021).*

*Antes da universidade eu me sentia muito reprimida ao que diz respeito a negritude, pois sempre que falávamos sobre a história dos negros, era meio constrangedor, pois nos livros didáticos os negros eram representados sendo como os “amaldiçoados” da história e eu como mulher negra não queria fazer parte dessa história, mas ao entrar na UFMA minha linha de pensamento muda muito, pois a universidade foi uma etapa de ensino extremamente importante para minha formação*

*humana, não somente no que se refere às questões de formação técnica e teórica, mas abrangeu outros aspectos significativos ligados à construção étnica e humana, bem como, meu modo de pensar e perceber o mundo à minha volta. Inicialmente, ao ingressar na universidade, eu pensava apenas em absorver conhecimentos e conseguir desenvolver as atividades que são solicitadas. Porém, ela vai muito além. Sem perceber, o sujeito vai sendo moldado ao longo de sua trajetória na universidade, atravessado por discursos distintos, e assim, construindo novos conceitos, novas percepções e novos saberes. (NOÉMIA DE SOUSA, 2021).*

*Não era sempre que eu ouvia sobre a UFMA, na verdade eu só a conheci depois que eu comecei a fazer o curso e falar de mim antes da UFMA, é como falar de alguém estranho para mim, pois fazendo uma reflexão, eu mudei bastante, no quesito negritude, pertencimento, identidade e principalmente em quem eu quero ser... nesta direção, podemos pensar em vários sujeitos que adentram a universidade e que saem dela diferentes, carregados de novos pensamentos sobre diversos fenômenos, novos olhares e novas perspectivas. Podemos, assim, pensar a mulher negra, que como qualquer outro sujeito, adquire um novo modo de perceber o mundo e a si mesma, eu sei que ainda estou inserida na sociedade em uma posição de inferioridade, a qual foi construída historicamente no imaginário social, inclusive no meu próprio. Assim, a universidade para mim enquanto mulher negra aparece como um instrumento possibilitador, a partir do conhecimento, de desconstrução deste pensamento, primeiramente a mim, que ao me perceber como um sujeito potente, político, que constrói história, me torno empoderada, capaz de lutar pelos seus direitos e seu lugar na sociedade. (MAYA ANGELOU, 2021)*

Dyane Brito afirma que “o racismo é cruel e responsável pela mortalidade escolar de muitos jovens”. Como observou a autora, “há uma lógica perversa do capitalismo e do racismo que determina os lugares, que nos faz acreditar que o lugar de pretos e pobres é o (sub) mundo do trabalho e que a academia de fato, está reservada para os que são bem nascidos, bem aquinhoados” (REIS, 2020, p. 35).

Partido desta afirmação de Dyane Brito, podemos observar que por causa do racismo estas mulheres aqui entrevistadas acreditavam que por serem negras e pobres jamais conseguiriam ingressar em uma universidade, pois o racismo está ligado diretamente ao processo de ensino-aprendizagem, uma vez que além de desumanizar vidas negras o racismo destrói sonhos, destrói vidas. Além disso, o racismo é uma violência que jamais é apagada do subconsciente. As mulheres aqui entrevistadas têm

dois aspectos em comum: o sonho de ingressar numa universidade e o medo; o medo sempre fez parte da vida do negro, medo de não conseguir entrar, medo de como se manter dentro da faculdade, medo de não conseguir terminar, medo de sempre acreditar que seu lugar de fato seja o (sub) mundo. Medo... simplesmente medo!

#### **4. Vida na universidade: (re)definindo identidades**

O ingresso na universidade foi marcado por sentimentos como alegria, preocupações e a dúvida de como seria a permanência na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Grajaú. Como contam as entrevistadas:

*Eu sempre pensava que não teria chance de entrar em uma universidade, por falta dos conhecimentos de como ingressar numa instituição, ou até mesmo pela concorrência do padrão que a sociedade obriga a se enquadrar, mas depois que fiz o ENEM (EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO), ouvi no rádio sobre como se inscrever, então fui no cyber, fiz minha inscrição e quando recebi o resultado já providenciei os documentos necessários e desde o dia 22 de setembro de 2016 venho lutando para ser a primeira mulher negra da família com um diploma. Conhecer o sistema de cotas foi de extrema relevância, pois me fez ingressar no ensino superior, o que foi para mim a maior realização da minha vida. Estar na UFMA hoje para mim, é um sonho realizado (MAYA ANGELOU, 2021).*

*Quando penso a universidade como espaço específico no processo de negociação de identidades, penso como um instrumento empoderador que possibilita às mulheres negras a alcançarem emancipação e perceber-se positivamente dentro de sua própria pele. Instrumentalidade que direciona a saída de uma posição de dificuldade nas afirmações identitárias para terem consciência do pertencimento étnico-racial, e assim expressarem suas identidades como forma de reivindicação perante os obstáculos que são impostos. Tendo em vista que a condição racial é o elemento principal de repercussão do racismo estrutural e institucional. A universidade além de propiciar um diploma de graduação, é também um ambiente de construção intelectual de forma plena para a mulher negra. Projetos, contato com professores, disciplinas específicas, como as ofertadas nos cursos de Licenciatura da UFMA campus Grajaú, tais como, “Educação para a Diversidade”, “História da África”, “História do Brasil e do Maranhão colonial” constituem a universidade como potente na construção da identidade da mulher negra. Em vista que muitas destas, por um*

*histórico familiar, escolar ou do seu grupo social, não se percebem como negras. O contato com o conhecimento teórico acerca da questão racial bem como a literatura de intelectuais negras/os pode promover a reflexão e descortinamento de sua condição racial (CAROLINA MARIA DE JESUS, 2021).*

*Estar na universidade e afirmar minha identidade tornou-se para mim uma postura de empoderamento. Tendo em vista que a mulher negra já esteve como escravizada e submetida à situação de inferioridade, e hoje ocupar espaços como a universidade caracteriza-se como uma postura de enfrentamento a um comportamento social legitimado e, sobretudo, admite sua existência enquanto sujeito. Essa percepção crítica sobre si e seu lugar na sociedade é uma importante ferramenta de desmonte de uma ideia consolidada socialmente acerca da mulher negra. Dessa forma, o conhecimento evidencia um poder de transformação, seja de cunho individual, coletivo, social e psicológico (NOÉMIA DE SOUSA, 2021).*

Um ponto aqui muito importante que vale sublinhar é a vida na universidade. Fazemos um paralelo entre os pensamentos dessas mulheres, antes e durante o percurso acadêmico na UFMA. Podemos observar o quanto elas mudaram suas maneiras de ver o mundo e de agir no mundo, o quanto o conhecimento foi uma ferramenta de transformação para a vida delas. E tomando como ponto de partida as histórias de vida dessas três mulheres, não há nada de mais belo e profundo como através do conhecimento é possível alcançar a liberdade.

Na perspectiva de uma pedagogia engajada, Bell Hooks propõe que a educação seja capaz de apontar caminhos para alcançar a liberdade. Dito de outro modo, a autora destaca que a educação como prática da liberdade deve ser capaz de tensionar as desigualdades em que vivemos e, ao mesmo tempo, de dialogar com a realidade concreta dos educandos. Suelaine Carneiro acrescenta que a educação pode se tornar um importante instrumento de superação de desigualdades, opressões e hierarquizações que operam na sociedade (CARNEIRO, 2016, p. 123).

## **5. Identidade e Família: negritude e silenciamento**

*Quando eu penso em identidade e família, eu penso em silenciamento, eu não penso necessariamente a gente respondendo outra pessoa, eu penso em silêncio escolar, eu penso no silêncio que eu vivi dentro de casa, eu penso no*

*silêncio em que a gente se vê num espaço tão grande, que é a cidade que moramos e ainda assim eu achar que eu não pertença a esse espaço. E é exatamente assim que eu acho que minha família se sentia... diálogos sobre identidade negra não era debatido lá em casa, tinha sim as idas a escola quando sofriamos alguns “perrengues”, ou seja, comentários racistas né? Mas o falar sobre o que é pertencimento, identidade e negritude, não tínhamos muito o que debater (CAROLINA MARIA DE JESUS, 2021).*

*Eu me lembro de ser muito tímida, quando na escola falavam sobre os negros e alguém perguntava se eu me considerava negra, eu dizia que não era negra e sim parda, acho que porque geralmente essas perguntas eram frutos daquelas aulas de história em que a imagem do negro era vista de forma promíscua e eu não queria fazer parte daquela história, então se eu negasse minha negritude automaticamente eu não faria parte dessa história, sabe? Foi na disciplina de História da África, já na UFMA que eu passei a me enxergar como de fato eu sou. Algumas aulas de história que são ministradas nos ensinamentos fundamental e médio, são apenas recortes e esses recortes, não nos fazem apenas pessoas tímidas, mas pessoas silenciadas e essas facetas de perda de identidade machuca demais. (MAYA ANGELOU, 2021).*

*Eu me lembro de ser uma criança falante, com autoestima e que gostava de mim. Porém, ao chegar na adolescência eu meio que fui me silenciando, me inviabilizando, me escondendo, pois eu não me encaixava no padrão das outras meninas da mesma idade que eu, também não me enxergava no material didático, nas apresentações de escolares ninguém queria saber sobre mim, e isso doía muito, as vezes eu chegava em casa arrasada e contava para minha mãe e ela falava assim: minha filha não se importe com isso, mas como não me importar com aquilo? Se tudo estava acabando comigo. Mesmo sendo muito incentivada pelos meus pais a ser uma boa aluna, uma boa pessoa, jamais os culparei por isso, mas me faltou diálogos sobre negritude, sobre vidas negras, sobre posicionamento e acima de tudo sobre identidade. Mas eu entendo meus pais, eles também foram silenciados. (NOÉMIA DE SOUSA, 2021).*

As mulheres negras que foram entrevistadas inicialmente informaram sobre o pertencimento racial dos seus pais. Das três entrevistadas, todas possuem pais negros. Quando indagadas sobre o relacionamento com os familiares, em sua maioria afirmaram ter um bom relacionamento, porém ao longo de suas trajetórias de vida seus pais não abordaram questões raciais. Para Ferreira e Camargo (2011, p. 381), o silêncio diante do racismo, seja na escola e/ou na família, tem sido uma das estratégias mais comuns.

Consequentemente, a ausência de uma base sólida e um lugar de apoio fizeram com que as entrevistadas tivessem que aprender a encarar sozinhas o racismo em seu cotidiano escolar. Por outro lado, ao relatarem sobre suas experiências familiares as entrevistadas enfatizaram que a maior motivação para ingressar no ensino superior foram seus pais.

## **6. Os desafios da vida pós universidade: identidade e pertencimento**

Muita coisa muda após a universidade. Como narrou Noémia de Sousa, “você para de aceitar o racismo disfarçado em forma de piadinhas sem graça”:

*Enquanto mulher negra eu já deixei de concorrer a uma vaga de emprego em uma empresa privada aqui na cidade de Grajaú. A dona da empresa simplesmente me falou que por mais que eu tivesse experiência com vendas não podia me contratar por conta que algumas clientes não aceitavam ser atendidas por pessoas de pele negra. Hoje sempre que escuto alguém mencionando esse discurso, procuro observar a cor da pele, e constato que a pessoa que profere tal discurso não conhece a realidade enfrentada pelos negros durante toda a sua vida. Percebo, se tratar de pessoas que não sentiram na pele, o peso de ter a pele negra em uma sociedade excludente! Ou busco pensar que se trata de pura ignorância mesmo (NOÉMIA DE SOUSA, 2021).*

*Eu sempre neguei minha negritude, eu acho que isso acontece com todas as meninas negras. E a primeira coisa que acontece, não tem como tu tirar a tua pele, aí tu começa a alisar teu cabelo, pra isso foi um meio de negar, de me sentir mais próxima, de estar mais perto dos grupos. Mas depois de estudar na UFMA e ter contato direto com diversidade e cultura, eu passei a me querer como de fato sou, mulher negra, empoderada e forte. Hoje depois da UFMA, ainda não atuo na área da docência, mas sei finalmente quem sou, minha verdadeira identidade (CAROLINA MARIA DE JESUS, 2021).*

*Eu me achava de certa forma até igual as outras pessoas, só que via a diferença da minha cor pra das minhas amigas. Às vezes eu me perguntava: porque só eu sou negra no meu grupo de amigas?*

*Só meu cabelo é diferente? Porque eu não nasci com o cabelo liso? Às vezes eu me questionava. Eu até tentava entender a trajetória da negritude, mas antes da UFMA o único contato que eu tinha sobre isso era no dia da consciência negra que a escola promovia projetos, bem ralos na verdade que abordava*

*muito pouco sobre o assunto. A UFMA, posso assim dizer, ela trouxe clareza a todas as minhas perguntas e quebrou o enigma que eu tinha a respeito da minha identidade. Hoje eu sei quem sou e o meu pertencimento...sou mulher negra, sou forte (MAYA ANGELOU, 2021).*

Um ponto em comum entre as mulheres negras analisadas diz respeito ao processo de aceitação de seus traços físicos, como o cabelo. Todas as informantes que relataram sobre a relação conflituosa que enfrentaram acerca do cabelo discorrem que essa ruptura de uma não aceitação também aconteceu a partir do contato com a universidade.

*A UFMA foi crucial na construção da minha identidade, enquanto mulher negra. Através de disciplinas na universidade eu pude saber o que era identidade, o que era racismo, o que era categoria negra e que a gente hoje pode se identificar e ter esse posicionamento. Então a Universidade foi a base pra mim, pra minha construção étnico-racial. A gente pensa que tem né, a gente pensa que tem uma identidade própria, mas a gente só segue padrão, eu seguia padrão, o padrão que eu queria me estabelecer, queria ser aceita, então, eu seguia um padrão que não era meu, eu queria ser padrão, o cabelo liso, ser aceita pelos grupos (NOÊMIA DE SOUSA, 2021).*

*Foi a partir realmente do conhecimento adquirido na UFMA, e também o me espelhar em outras pessoas, que eu vi que eu também posso afirmar minha identidade, sem medo, medo de ser aceita, de ser tachada, na universidade eu finalmente vi a possibilidade de ser quem eu sou (MAYA ANGELOU, 2021).*

*A UFMA me ajudou muito nem sei descrever o tanto, as vezes eu fico pensando, eu passei parte da minha vida me negando. Porque? E hoje depois de eu entrar lá eu me vi na minha verdadeira identidade, porque antes eu andava de cabelo amarrado, não me aceitava, eu falava que era morena não sou negra, o cabelo é muito importante porque algo muito visual, porque não tem como tu mudar tua pele, mas o cabelo tem como, então a gente acaba negando e alisando, aqui na universidade não, foi o espaço onde eu aprendi a aceitar meu cabelo, aceitar minha pele, a me ver como mulher e ser, porque independente de eu dizer quem eu sou, as pessoas me veem, mas é muito bom quando você fala, eu sou negra, eu sou mulher negra, eu tenho cabelo crespo, e pronto nada me abala (CAROLINA MARIA DE JESUS, 2021).*

A universidade é um lugar específico de compreensão do universo cultural, social e, sobretudo, da diversidade étnico-racial, elemento diferenciador no processo de construção de identidade negra. Percebe-se a partir das falas das estudantes que ao frequentar este espaço, o qual teve acesso a novas narrativas, novos contatos, como com professores, a história do negro sendo discutida também de forma valorativa, suas percepções sobre si também passaram a ser positivas.

O racismo invisibiliza a população negra e a classifica como sendo inferior, interfere ainda na construção de identidades. Entretanto, ao longo do percurso acadêmico as entrevistadas assinalaram que foi possível adquirir um conhecimento crítico e antirracista, como é perceptível na fala de Noémia de Sousa. Em nossa sociedade, a cada minuto uma mulher negra é forçada e desistir de um sonho por causa da cor de sua pele. Até quando isso vai continuar?

Pesquisas mais recentes com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) demonstra que as mulheres negras são 50% mais vulneráveis ao desemprego. Um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revela que as mulheres negras sofrem um aumento de 1,5 ponto percentual em média a cada 1 ponto a mais na taxa de desemprego, sendo de 1,3 para as mulheres brancas. A análise faz uso de dados da PNAD Contínua entre 2012 e 2018 (PNAD, 2019). Essa é uma realidade que se repete em diversos setores da sociedade. Como é demonstrada pelas “Estatísticas de gênero” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma pesquisa revelou que o percentual de mulheres negras que completam o ensino superior é de 10,4% sendo 2,3 vezes menor em relação ao percentual de mulheres brancas (IBGE, 2019).

Concordamos com Sílvio Almeida quando afirma que o racismo é sempre estrutural, ou seja, que “ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade”. Nesse sentido, o racismo confere sentido e lógica “para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 13), como aconteceu com uma de nossas entrevistadas, que relata que já deixou de trabalhar em um local porque a dona do estabelecimento não aceitava trabalhadores/as negros/as. A exigência de “boa aparência” para se candidatar a uma vaga de emprego é associada a características estéticas próprias de pessoas brancas. Na leitura de Sílvio Almeida, as pessoas brancas, de modo consciente ou não, “são beneficiárias das condições criadas por uma sociedade

que se organiza baseando-se em normas e padrões prejudiciais à população negra” (ALMEIDA, 2019, p. 30-31).

## **7. Considerações finais**

Quando falo deste trabalho, as pessoas me perguntam: porque esse tema? Mas ao conhecer a vida das pesquisadoras aqui citadas, tornou-se muito importante conhecer os percursos históricos e bibliográficos construídos por essas autoras. Suas pesquisas e teorias científicas influenciam demasiadamente a construção e a representatividade identitária. Além de levantar uma discussão sobre o papel do racismo como crença que atua no apagamento da história de resistência da população negra em diferentes espaços, principalmente dentro do universo acadêmico.

E essa realidade faz com que continuem ocupando um lugar de desvantagem na pirâmide social, levando consigo o peso de uma sociedade que privilegia grupos em detrimento de outros, sendo isso um estruturante da sociedade brasileira. Assim, as mulheres brancas, por exemplo, apesar de sofrerem o impacto da desigualdade de gênero, elas ainda são privilegiadas em relação às mulheres negras, levando em conta o racismo acaba determinando suas condições socioeconômicas. O racismo, portanto, pode ser definido por seu caráter sistêmico. Não estamos nos referindo aqui a apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas sim “de um processo em que as condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzam nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2019, p. 24).

Nesse processo de contar, mas também de ouvir as mulheres negras que protagonizaram este artigo, acabei me identificando com as trajetórias aqui analisadas. Nas entrevistas pude ter acesso as suas histórias em relação a sua identidade, desde a infância passando pela adolescência até o momento da construção do que Munganga definiu como “identidade étnico racial negra” e nessa linha do tempo, me identificava com as histórias que cada uma delas narrava. Na esteira das reflexões de Kabengele Munanga, entende-se que a identidade negra é uma construção múltipla, complexa, social e historicamente situada. De modo que o conceito de afrodescendência e etnia se constitui na identificação e na diferença com o outro, sendo parte de um processo que dialoga com repertórios culturais e históricos de matrizes africanas.

Apesar de certas limitações, como por exemplo, o pouco espaço de escrita e tempo para trazer outros aspectos sobre esse tema em um artigo, bem como para se levantar um estudo bibliográfico que contemple a questão identitária da mulher negra, afirmo que a pergunta foi respondida. Mesmo percebendo que em nenhum trabalho acadêmico é possível se dar conta totalmente do objeto pesquisado.

Neste artigo me identifico com as narrativas das mulheres negras dessa pesquisa, quando em unanimidade afirmaram que começaram a compreender a dinâmica do racismo e afirmar-se negra já em outro ambiente, fora do contexto escolar, como relataram as entrevistadas ao afirmar que antes do ingresso na UFMA não conseguiam se identificar enquanto mulheres negras. Dessa forma, esses novos espaços ocupados por elas é que possibilitaram a elas moldarem suas identidades. Cabe ainda destacar que a construção deste trabalho me possibilitou uma maior compreensão e aproximação de estudos e a intelectuais negras como Djamilia Ribeiro, Suelaine Carneiro, Dyane Brito, Bell Hooks e outras que me auxiliaram na construção de um embasamento teórico pela ótica do feminismo negro e da interseccionalidade, empoderamento, identidade, que diante desse processo novo de tornar-me negra, também me orientaram a reconfigurar o mundo partindo de outros olhares.

Concluimos esta obra com o sentimento de dever cumprido, no entanto tivemos a percepção de que faltava muita coisa para se pensar em concluí-lo, percebemos ainda o quanto temos a aprender diante do assunto estudado neste pequeno período de tempo neste trabalho, mas admitimos o quão foi enriquecedor os conhecimentos obtidos através desta pesquisa e o quanto ele servirá para o meu crescimento pessoal ao longo da minha trajetória profissional como professora, pois me possibilitará um olhar mais ajustável diante da realidade de cada aluno, lutando e os ensinando a romper e abrir caminhos rumo a uma sociedade mais justa e igualitária.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARNEIRO, Suelaine. Mulheres negras na educação: desafios para a sociedade brasileira. In: CARREIRA, Denise (et. al.). **Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais**. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas, 2016. p. 122-185.

DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 29, p. 164-176, 2005.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 31, p. 374-389, 2011.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

GONÇALVES, Renata. A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior. Universidade do Sul de Santa Catarina: **Poiésis**, Revista do Programa de Pós-Graduação-Mestrado, v. 12, p. 350-377, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Rodrigo Edmilson de (org.). **Reafirmando direitos: trajetórias de estudantes cotistas negros(as) no ensino superior brasileiro**. Belo Horizonte: Ações Afirmativas no Ensino Superior, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogá, 2019.

LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 489-495, 1995.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das nações de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15- 34, 2004.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 117-127, 2000.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

REIS, Dyane Brito. Trajetórias negras importam: histórias de nordestinas(os) egressas(os) de políticas de cotas raciais no ensino superior público brasileiro (2003-2018). **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, p. 28-41, 2020.

SANTOS, Neide de Sousa. **Mulheres negras e universidade: processos de construção de identidade étnico-racial no ambiente acadêmico**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Humanas-Geografia), Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2020.